



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA ISABELLY MACÊDO SANTIAGO

**“ÁLBUM DE CONFIDÊNCIAS”: SOCIABILIDADES E
SENSIBILIDADES ATRAVÉS DE UM QUESTIONÁRIO DE
MOÇAS DE FAMÍLIA.**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

MARIA ISABELLY MACÊDO SANTIAGO

**“ÁLBUM DE CONFIDÊNCIAS”: SOCIABILIDADES E
SENSIBILIDADES ATRAVÉS DE UM QUESTIONÁRIO DE
MOÇAS DE FAMÍLIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação de História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

Orientador: Josemir Camilo de Melo

CAMPINA GRANDE – PB
2012

S235a Santiago, Maria Isabelly Macêdo.
"Álbum de confidências": [manuscrito]:
sociabilidades e sensibilidades através de um
questionário de moças de família /Maria Isabelly
Macêdo Santiago. – 2012.
22 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo,
Departamento de História”.

1. Cultura Familiar 2. Sociabilidades 3.
Sensibilidades 3. Moça de Família I. Título.

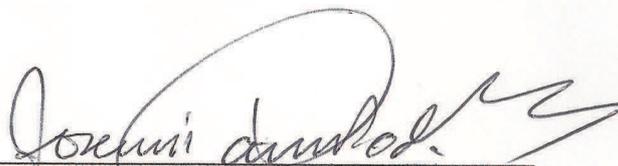
21. ed. CDD306.854

MARIA ISABELLY MACÊDO SANTIAGO

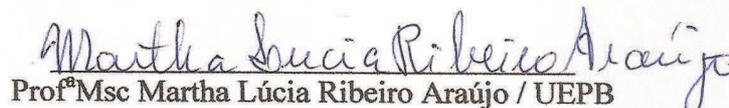
**“ÁLBUM DE CONFIDÊNCIAS”: SOCIABILIDADES E
SENSIBILIDADES ATRAVÉS DE UM QUESTIONÁRIO DE
MOÇAS DE FAMÍLIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação de História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

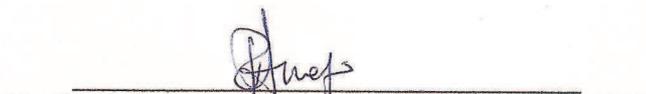
Aprovada em 21/062012.



Prof Dr Josemir Camilo de Melo / UEPB
Orientador



Prof^a Msc Martha Lúcia Ribeiro Araújo / UEPB
Examinadora



Prof^a Dr^a Patrícia Cristina Aragão Araújo / UFCG
Examinadora

“ÁLBUM DE CONFIDÊNCIAS”: SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES ATRAVÉS DE UM QUESTIONÁRIO DE MOÇAS DE FAMÍLIA.

SANTIAGO, Maria Isabelly Macêdo¹

¹

RESUMO:

A utilização de um questionário, como fonte de pesquisa, organizado por uma moça de família dos anos 50 no Brasil, faz compreender como o imaginário do seu tempo, e as subjetividades dos que responderam o tal questionário foram formadas. Este estudo teve como objetivo analisar como as sociabilidades desses tempos, ou seja, urbanização, dinamismo econômico, cinema, escolha de pretendentes baseado no amor entre os cônjuges, divórcio, estímulo do autocontrole das moças consonante a volubilidade das mulheres, foram refletidas nas perguntas e respostas do questionário, influenciando a cultura da época. Esse estudo está voltado a História Cultural, pois pensa a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A leitura é o ato que faz compreender o que está lançado no real, e a reação quanto a isso é a sensibilidade, considerada algo oriundo do íntimo de cada indivíduo e compartilhado, e nesta relação entre o indivíduo e imaginário social, analisamos através do questionário as sociabilidades e sensibilidades das subjetividades de rapazes e moças de família nesse período.

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidades, Sensibilidades, Moça de Família.

ABSTRACT:

The use of a questionnaire as a research resource, organized by a family girl in the 1950's, in Brazil, make us understand how the imagery of her time, and the subjectivities of those who answered the questionnaire were formed. This study aimed to analyze how the sociability of these times, like urbanization, economic dynamism, cinema, choose applicants based on love between spouses, divorce, self-stimulation of the girls in line the fickleness of women, were reflected by the questions and survey responses, influencing the culture of the time. This study focuses Cultural History, because culture is a set of shared meanings constructed by human being to explain the world. Reading is the act that makes us understand

¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ibazelly@hotmail.com

what is released in the real, and the reaction as it is the sensitivity, regarded as something coming from the depths of every individual and shared, and this relationship between the individual and social imagery, analyzed through the questionnaire sociability and sensitivities of the subjectivities of boys and girls of the family during this period.

KEYWORDS: Sociability, Sensitivity, Women

INTRODUÇÃO

Despertando para escrever sobre sentimentos, demonstrando acontecimentos de sua vida social e interior, o homem busca trabalhar a escrita como reduto de pensamentos e sentimentos em vários suportes materiais, e um estilo de escrita que também permite expressar e conhecer pensamentos e sentimentos, do eu e do outro, é o questionário.

Na tentativa de traçar hipóteses sobre a origem deste estilo de escrita, encontramos no site WWW.achanoticias.com.br uma reportagem publicada em O JORNAL – AL, sob o título *Questionário Proustiano*, de Arlene Miranda publicado em 01 de agosto de 2009. O texto informa que este estilo de escrita teve início na Inglaterra do século XIX, o questionário era conhecido como um jogo chamado *confissões*, praticado pela nobreza inglesa em reuniões sociais. Em algum momento, o escritor francês Marcel Proust, de *Em Busca do Tempo Perdido*, conheceu o questionário de sua prima Antoinette Faure, demonstrou interesse e promoveu mudanças nas questões, criando, assim, o seu questionário. Em 1924, dois anos após o falecimento de Proust, o filho de sua prima Antoinette encontrou e publicou o tal questionário, passando, então, este estilo de escrita a ser mais conhecido e copiado.

Na década de 1920, durante a festa de Nossa Senhora da Conceição, em Campina Grande, era lido o jornal de festa O NOVENAL², que trazia poemas, mensagens, propagandas e textos sobre temas diversos. Era usado para promover reconhecimento e conhecimento social, pois continha uma lista com os nomes das moças mais bonitas e casadoiras da sociedade campinense, e estas respondiam um questionário contido em tal jornal, as perguntas tratavam sobre traço predominante do caráter, opiniões sobre amor, felicidade, divertimento, *sport predilecto*, moda, pensamentos futuros, vocação, casamento e como deve ser o homem.

Em maio de 1955, no JORNAL DAS LETRAS, editado no Rio de Janeiro, Alceu Amoroso Lima publica *As trinta e quatro perguntas do Questionário Proustiano*. Tivemos acesso a este dado através da rica bibliografia da tese de doutorado em Letras - UFSC, de

² O referido jornal faz parte do acervo Biblioteca Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba. Agradecemos à equipe o acesso a este e outros preciosos jornais campinenses.

Maria Marta Laus Pereira Oliveira, sob o título *A Recepção Crítica da Obra de Marcel Proust no Brasil*, que contém, além de livros sobre Proust, textos de escritores publicados em revistas brasileiras como REVISTA BRANCA – RJ. Maria Marta seleciona os textos que envolvem Proust como influência da Literatura na metade do século XX no Brasil.

Em 30 de maio de 1959, a edição da revista O CRUZEIRO traz uma matéria escrita por Rachel de Queiroz intitulada *Questionários*. Tal matéria foi escrita como resposta ou homenagem, ao assinante J. A. Corrêa de São Paulo, que teria enviado à Queiroz um questionário. Ela o responde e o publica. As perguntas envolvem política nacional e internacional, a coisa que mais comove alguns ultimamente - ufologia, e seus feitos caso ela fosse presidente da República.

O presente artigo “*Álbum de Confidências*” *sociabilidades e sensibilidades através de um questionário de moças de família* tem como objetivo analisar um Questionário contido em um caderno em que 11 assinantes³ respondem a 78 perguntas nos anos de 1951, 1952, 1953 e 1956. Os escolhidos são parentes e amigos próximos da organizadora, e é perceptível seu cuidado na escolha dos participantes ao ver a distância de tempo entre as datas assinadas. Dulce de Oliveira Costa é a dona do caderno e organizadora do Questionário, intitulando-o de *Álbum de Confidências*. Nasceu em 01 de dezembro de 1917, em Caiçara – PB, sendo a primogênita de seis filhos, três homens e três mulheres, seu pai era comerciante, sua mãe doméstica, estudou apenas o antigo primário. Era autodidata, apreciava leitura, pintura, dominava o instrumento bandolim participava das organizações teatrais de sua cidade, e apenas com o antigo primário trabalhava como professora, do primário. Quando organizou o *Álbum* estava com 34 anos de idade, solteira e residindo no lugar em que nasceu.

O *Álbum* é um caderno de brochura, possui 23 centímetros de altura e 16 centímetros de largura, com folhas de 48 linhas, frente e verso. Na primeira página há o título *Álbum de Confidências*, manuscrito, e uma foto em preto e branco de Dulce. Poderiam responder 14 assinantes, mas apenas 11 responderam, dentre eles 8 moças e 3 rapazes. O caderno também possui poemas escritos pelos assinantes e por autores admirados por eles. Os assinantes são rapazes e moças de família que na época em que responderam o Questionário residiam em Caiçara, Sertãozinho e João Pessoa, cidades localizadas no estado da Paraíba.

A parte do caderno que ganha destaque na pesquisa deste trabalho é o Questionário que, ao lermos as respostas dos assinantes, passamos a investigar as mudanças no convívio social, em que foram introduzidas novas formas de sentir e se relacionar com o mundo nos

³ Assinantes é o termo usado para nomear as pessoas que responderam o Questionário.

anos 50. O conteúdo das perguntas é relacionado aos preceitos de moral cristã, preocupações em constituir família, o que é o amor, aspirações futuras, responsabilidades para com o casamento, marcos e costumes não apenas de “*rainhas do lar*”, mas de rapazes e moças que ao respondê-lo compartilhavam modos de viver.

As palavras de Dulce e dos assinantes do Questionário são frutos de um imaginário, são significados construídos e compartilhados, rastros que podem explicar a cultura da época. Para Pesavento (2008) não há mais a busca por verdades definidas, há questionamentos, e estes modificam o mundo, as interpretações, reinvenções, resgates, entra em cena um novo olhar à História Cultural. A autora trabalha com a categoria central da História Cultural, a representação, considerando-a um meio de interpretar o mundo construído vivenciado pelos eles. Assim, tentaremos reconstruir com a ajuda do Questionário as representações sentidas pelos assinantes.

Através dos escritos dos assinantes estudaremos como as representações de mulher, casamento, esposa e rainha do lar passaram a compor o imaginário do real dos anos 50, como também as reações dos assinantes ao consumir tais representações. Para Chartier (1990) o consumo está relacionado ao ato da leitura, e este está encarnado de gestos, espaços e hábitos; então, cada leitor assinante possui conhecimentos diferentes, pois o ato de consumir não é passivo, os assinantes reagem diante das representações, essas reações são o que Pesavento (Op. cit.) chama de sensibilidades. A autora considera as sensibilidades como uma tradução da realidade que brota do íntimo do indivíduo, vindo da percepção individual à sensibilidade partilhada.

Então estudaremos através das perguntas e respostas do Questionário não apenas as sensibilidades do real dos anos 50, que são as sociabilidades, ou seja, os modos de viver compartilhados. Também estudaremos as sensibilidades dos assinantes, que são os significados e sentimentos construídos a partir desses modos de viver.

PRODUZINDO SOCIABILIDADES DA MULHER, ESPOSA E RAINHA DO LAR.

*“Não quero ninguém além de mim fazendo tudo por você.
Quero limpar sua casa, lavar sua roupa e preparar sua comida.”*
(Éllen – Amar foi minha ruína, 1945)

Limpar, lavar e cozinhar para seu amado esposo era o complemento do sonho da personagem Éllen do filme *Amar foi minha ruína* (1945). Suas devotas palavras revelam as

vontades de uma personagem da vida real, a “rainha do lar”, e quais seriam as idéias e ações encarnadas para figurar esse papel?

Maluf e Mott (1998) dizem que o que torna possível a todo ser humano se apossar da história é o fato de que ele, ao nascer numa dada ordem consuetudinária, passa a orientar sua ação a partir de alguns marcos pela norma.

Marcos e costumes da “rainha do lar” eram aqueles baseados na crença de que o ser mulher era biologicamente preparado para desempenhar a função que consistia em casar, gerar filhos e fazer de sua casa um templo de limpeza, ordem e felicidade, essas idéias eram pregadas pela Igreja, ensinadas por médicos, legitimados pelo Estado e divulgadas pela mídia.

Consonante ao processo de desenvolvimento industrial, a preocupação médico-sanitarista, buscava envolver as famílias em normas de limpeza, armazenamentos de alimentos, higiene, cuidados pessoais e asseio a casa. O agente responsável pela efetivação dessa norma era a mulher, e esta precisaria estar munida de algo que a ensinasse como proceder.

Buriti (2011) analisa a obra *A Alegria da Casa* (1866) da missionária protestante Sarah Pouthon Kalley, direcionada à mulher. São transmitidos nessa obra cuidados de limpeza com a casa, educação moral e cristã para os filhos, não se esquecendo do trato com o marido. Buriti mostra como os escritos da missionária contribuem para a circulação de idéias sobre o pensamento higienista da época, abordando temas voltados para o sexo feminino.

A missionária lança à mulher a missão de cuidar e cristianizar o lar, Kalley aborda os sentidos do corpo como dádivas presenteadas por Deus, e assim deveriam ser educadas. Kalley diz que o olfato nos informa sobre as condições do ar, o paladar serve à dona de casa como fiscalizador dos desperdícios de alimentos, a visão e o tato atuam como experimentadores do espaço familiar, em que o olhar começa a ser educado para procurar as sujidades da casa, dos cabelos, das roupas, e a pele como um meio de transporte de sujeiras e bactérias, carecendo de banhos de água fria todas as manhãs.

Maluf e Mott (1998) mostram outra obra de intuito educador anterior ao da missionária, *O Código de Bom-Tom* (1845), escrito pelo cónego português conhecido como J. I. Roquete. Esta obra procura atender às necessidades da moldagem dos comportamentos, regulação dos excessos e também regras de etiqueta. Estava presente no manual de economia doméstica *O Lar Feliz* (1916), os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres. Este manual foi publicado no mesmo ano em que foi aprovado o Código Civil da República, 1916, que condicionava os sexos a administrar suas responsabilidades, completando um ao outro, mas, nunca em direitos iguais.

O ideal cristão de família construído no imaginário dos assinantes é perceptível nas respostas, os rapazes e moças são católicos, considerando o casamento uma união familiar indissolúvel e abençoada por Deus. A união familiar cristã transmitida ao longo da vida dos assinantes, fez com que o sentido dado ao casamento fosse algo providenciado por Deus, e esta providência cria em seu imaginário a representação do casamento sem separação.

Também estava presente na composição da representação do casamento o discurso jurídico, através dos preceitos do Código Civil de 1916. Esses preceitos consideravam a mulher um ser incapaz de exercer certos atos e se mantinha em posição de dependência e inferioridade perante o marido, e este seria o representante e administrador da família.

Para Rago (1985) frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias abastadas e paulatinamente às classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual.

As normas do Estado, da Igreja, da burguesia e da medicina estavam dispostas para todos independente de condição social, então a nova mulher citada acima tem em sua construção gestos, olhares e pensamentos medidos, pouco ultrapassando os limites dessas normas. Seria uma mulher modelo, e seu comportamento visaria cumprir sua missão social, de compor na sociedade privada do casamento, os requisitos normais e praticados publicamente no real.

Para Bassanezi (2008) o casamento-modelo definia atribuições e direitos distintos para homens e mulheres. A sociedade conjugal hierarquizada atribuía ao homem a chefia e a posse de poder sobre a família e esposa, e esta era responsável pelas tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos e limpar a casa.

À esposa foi dada a responsabilidade de manter a segurança e estabilidade emocional da família, cabia a “rainha do lar” a preocupação centralizada no bem estar dos filhos e do marido. Seu reinado deveria ser de passividade, bom desempenho doméstico, capacidade de adivinhar os desejos do marido, ou seja, do ponto de vista masculino, uma boa companheira.

Ser uma esposa boa companheira e eficiente é uma preocupação presente nas respostas das assinantes, questionados sobre o que aspiram futuramente, Creusa Maria deseja “ser no lar tudo que ele exige ao mesmo tempo, como seja esposa, mãe, enfermeira, conselheira e etc”. Para a maioria das assinantes, casar e ser esposa dedicada eram os principais ideais, esses pensamentos são modos de ver o mundo por elas.

Aun (2011) apud Pesavento (2008) trata o estudo das sociabilidades de um dado momento constituindo com entendimento sobre as reações do corpo e da mente diante do mundo, expressada por instintos, sensações, emoções e sentidos. Então, as normas causaram reações nos corpos e mentes dos assinantes, e estas expressaram através de seus escritos no *Álbum* suas experiências, ou seja, os reflexos do real em que viviam, compartilharam o que lhes tocava.

O que lhes tocava foi transformado em sentimentos que eram partilhados e transmitidos em significados, no caso a “rainha do lar”, que é um sentimento presente no imaginário das assinantes, estas orientaram suas ações de acordo com os valores de casamento em sua época.

E outros valores e marcos serão construídos, urbanização, oportunidades de estudo e trabalho, passeios não mais sob o olhar dos pais, manifestações públicas de carinho, modas, são novas ações irão encarnar ou incorporar, as representações de mulher, outros significados e leituras são realizados, outros modos de viver serão experimentados.

AS SENSIBILIDADES DE LEITORES/ASSINANTES DE UM QUESTIONÁRIO/ÁLBUM DE CONFIDÊNCIAS.

No sentir pós Segunda Guerra Mundial, países capitalistas desenvolveram sua economia no ritmo dos parafusos e aquecimento de polímeros, produzindo novos aparelhos eletrodomésticos, que visivelmente, como diz Hobsbawm (1995, p. 261), representavam novidade tecnológica.

Um desses países, os Estados Unidos, devido ao seu reconhecido poder industrial, passa a ser considerado um modelo de sociedade industrial capitalista para Hobsbawm (Idem, p.259). A socialidade estadunidense estava formada com altas porções de tecnologia, transportes, aparatos para a vida no lar, doses de otimismo ao crescimento urbano, temperadas com desejo e transmitidas pelas ondas do rádio, telas de cinema, páginas de revistas e propagandas.

O dinamismo econômico sentido internacionalmente afetou o cotidiano das pessoas, suas noções de tempo, seus modos de perceber o mundo e os objetos, as maneiras de organização. O *boom* industrial capitalista transformou os hábitos cotidianos e, nesse momento de mudanças, se cruzam homens e mulheres, envolvidos, entusiasmados, e algumas vezes confusos diante de todas as novidades, com os novos consumos mudam as relações.

Para Chartier (1988) a inteligência do consumidor é como uma cera mole, onde se inscreveriam de maneira bem legível as idéias e as imagens forjadas pelos criadores intelectuais. É como se as subjetividades estivessem disponíveis a conhecer e apreender o que está lançado a elas, no caso as novidades tecnológicas, fazendo com que os consumidores se sentissem tentados em obtê-las, tornando-se uma montagem viva transmitindo através de gestos, comportamentos e falas. As novidades tecnológicas também trouxeram conflito intelectual para seus consumidores, os modelos modernos mexem com o que está formado nas subjetividades.

Definido como outra produção, o consumo cultural, por exemplo, a leitura de um texto, pode assim escapar à passividade que tradicionalmente lhe é atribuída. Ler, olhar ou escutar são, efectivamente, uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem o consumidor à toda-poderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a confiança ou resistência (CHARTIER, 1988, p. 59).

O consumo (e aqui nos retringimos ao conceito de Chartier, 1988) não é passivo, apesar da possível imposição ao moldar as subjetividades, os textos e imagens são como informações suspensas, lançadas para nossa apreensão ou recepção. Cada subjetividade atribui significado ao que está suspenso, então consome o que lhe toca, é pessoal, e está ligado ao real proposto e compartilhado entre os indivíduos e suas subjetividades, é sentir e experimentar através de escolhas, as maneiras de viver em sociedade.

Consumir está intimamente ligado ao ato de ler, e este para Chartier (Op. cit.) é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. A leitura é construção de sentido que varia de acordo com os lugares, os tempos, as comunidades. Os textos não são lidos de forma semelhante, e interesses são investidos na prática da leitura. No nosso caso, o interesse de Dulce ao organizar o Questionário, estava não só em conhecer as opiniões e sentimentos dos colegas, como também seus interesses ao responder o questionário para conhecer as opiniões uns dos outros, mas os próprios de Dulce que queria ser vista, circular suas sensibilidades.

Ler, consumir e produzir, são atos que relacionam o corpo e o espaço. Dulce leu e conheceu o estilo questionário, consumiu o que leu, modificou as perguntas, organizou ao seu modo. Envolveu nas perguntas as dúvidas, os desejos e conhecimentos partilhados pelos seus assinantes, como opiniões sobre beijo, amor, casamento, aspirações futuras, moda, profissão, então a historicidade de sua produção está presente ao organizar o Questionário, ou seja, as aflições, admirações e sentimentos dos anos 50.

O Brasil, com o término da Segunda Guerra Mundial, nos anos 50 viveu um período de ascensão da classe média, iniciando um período de otimista crescimento urbano e industrial, contribuindo para o aumento das oportunidades de estudos mais avançados, trabalho, viagens para homens e mulheres (BASSANEZI, 2008, p.608). É este o cenário de transformações sociais e culturais que afetou os modos de sentir e ver, na década de 50, em Dulce e nos assinantes. Consequentemente seus conhecimentos e sensibilidades foram também afetados e suas respostas às perguntas do Questionário refletem sua época.

As perguntas não foram lidas da mesma forma, cada assinante possui uma carga intelectual diferente, portanto suas respostas demonstram essas diferenças, mas não tão discrepantes. Questionados, por exemplo, sobre o que aspiram para o futuro, Havany responde: “não sou pessimista, por isso respondo para que todos saibam, ser aviadôra”. A maioria das assinantes, no entanto, responde que desejam casar e cumprir o papel de esposa. O desejo de Havany está ligado à representação de uma mulher que se sente livre para outras escolhas, outra profissão que não seja a doméstica, que era a representação compartilhada pela maioria das assinantes. Seu imaginário já estava prenhe dos efeitos cinematográficos.

Vemos outros interesses nas perguntas, além dos de Dulce em descobrir os segredos dos seus assinantes. São o que Chartier (1988) chama de tecnologias da vigilância e da inculcação, são as normas, tanto valores tradicionais, como urbanização, e estes se apresentam em sintonia com as táticas de consumo, sendo utilizados na moldagem dos corpos. Dulce organiza perguntas sobre amor, casamento, profissões, voluptuosidade das mulheres, porque estes eram os valores discutidos em sua época, e que influenciaram as práticas de Dulce e de seus assinantes, moldaram suas mentes e seus corpos.

Durante a leitura, colocando o corpo em jogo, relacionando-se com o outro e o espaço real, criamos maneiras próprias de ler. Chartier (1991) trata que para fazer uma história da leitura é preciso compreendê-la tentando redescobrir os gestos esquecidos e os hábitos desaparecidos. As formas de conviver construídas pelos homens, como normas, instituições, valores, discursos e modelos são formas de expressão, e também representação, pois fazem com que os homens percebam a realidade e dêem sentido ao mundo a partir delas.

As maneiras próprias de ler, os gestos e os hábitos têm como referencial as representações, estas são lidas pelos homens e em seu íntimo provocam reações, sentimentos, sejam de aceitar ou não o que está proposto. Essas reações e sentimentos é o que Pesavento (2008) chama de sensibilidades.

Para a autora, as sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção do imaginário

social. É como se os sentimentos de amor, desejo de casar, ser esposa, temer o divórcio, fossem valores presentes no imaginário dos assinantes, indo do individual ao partilhado socialmente.

Questionados os assinantes masculinos sobre a profissão ideal para o homem, a maioria responde que é a “militar”. A representação do militarismo está presente no imaginário dos assinantes devido à Segunda Guerra mundial, não só devido ao sentimento nacionalista da época, bemcomo a presença de personagens heróis que encarnam soldados de guerra em filmes assistidos pelos assinantes. Sobre a profissão ideal para a mulher a maioria responde que é a “doméstica”, a representação da rainha do lar está presente no imaginário dos assinantes devido aos preceitos do código civil vigente e o discurso cristão de família.

Os acontecimentos dos anos 50 como o otimismo em urbanização e industrialização, o consumo de eletrodoméstico como o rádio, cinema, deram aos assinantes a oportunidade de conhecer novas leituras, valores diferentes, alguns assinantes reagiram se sentindo confusos diante dos novos acontecimentos, outros reagiram se admirando e se envolvendo pelas novidades.

Os escritos do (a)s assinantes do *Álbum* nos revelam como eles apreenderam, e compartilharam o real de sua época, como as suas subjetividades foram influenciadas pelos textos em sua volta. Sentimos como as sensibilidades escritas no questionário expressam instintos, sensações, emoções e sentidos dos assinantes.

SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES DE RAPAZES E MOÇAS DE FAMÍLIA.

As marcas da feminilidade nos anos 50 eram a maternidade, dedicação ao lar e comportamentos de acordo com a moral cristã, e as marcas da masculinidade eram a participação no mercado de trabalho, a força, a iniciativa e o espírito aventureiro. Desde criança, os meninos e as meninas deveriam ser educados a se comportarem de acordo com os valores sociais da época.

Bassanezi (2008) propõe que nos anos 50 a sociedade classificava as moças como “moça de família” e “moça leviana”, a de família era aquela que se comportava corretamente, tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes, o que era comum a uma moça leviana.

Nos real dos anos 50 já estava presente o casamento tendo como base o amor entre os cônjuges, o casamento arranjado pelos pais estava pouco em voga. As moças começam a

passar sem a companhia dos pais, os tempos estavam mudando, e como continuar controlando-as mesmo sem a presença dos pais? As jovens agora precisariam aprender a controlarem-se a si mesmas, distinguindo o certo do errado, conservando suas virtudes e dando-se ao respeito.

As moças do Questionário frequentavam festas de padroeiras, e estas lhe traziam boas recordações, a festa era um lugar em que os olhares poderiam se cruzar, aparentemente casuais, sorrisos, pequenos gestos, era uma exposição das moças.

Del Priore (2011) diz que nesse exercício, caminhando ao lado de outras jovens, em geral de mãos ou braços dados, a moça interessada em arranjar namorado via diferentes rapazes, avaliava seus tipos, tentava decifrar seus sinais e signos exteriores, comparava-os até decidir-se por um deles e com ele estabelecer – quase sempre furtivamente – sem que as companheiras percebessem, uma relação preliminar.

Na pergunta *Que dizes dos olhos?* Creusa Maria responde que “o olhar deixa transparecer o que o coração sente”, e Catarina que “os olhos falam e explicam tudo”. Essa pergunta nos mostra o quanto à troca de olhares durante as preliminares do namoro era importante, corpos não se tocavam.

A “moça de família” manteve-se como modelo das garotas dos anos 50 e seus limites eram bem conhecidos, embora atitudes condenáveis variassem das cidades grandes para as pequenas. As liberdades no namoro são novas formas de sociabilidades dos grandes centros urbanos, mas em Caiçara, local onde residiam os assinantes os valores tradicionais prevaleciam.

Na pergunta *És volúvel?* Geny responde que “graças a Deus não sou, pois a volubilidade é sentimento baixíssimo para uma mulher”, enquanto Creusa Maria diz que “no momento em que estamos ser volúvel é muito natural, mas não penses que sou”. Geny e Creusa Maria compreendem a volubilidade da “moça de família” como algo ruim para sua condição social, e mesmo Creusa Maria considerando a volubilidade algo comum em seu tempo afirma que não o é, isso mostra o quanto era preocupante para a época manter a imagem da moça pura.

Podemos perceber que esta preocupação estava presente, além do imaginário de Dulce ao formar a pergunta, mas no imaginário das famílias. Na pergunta *Qual o maior susto de tua vida?* Dulce responde que “estando uma noite conversando com um namorado, que por causa dele estava presa, o papai nos surpreendeu com uma chibata na mão, o resultado foi feio, isso em 1941”, Dulce correu o risco, assim como algumas moças, de tentar conversar sozinha com

um namorado, mas foi repreendida pelo pai, este precisou puni-la para fazer valer a honra da família.

Na mesma pergunta José Quirino diz que o maior susto de sua vida foi no dia em que “estava conversando com uma namorada que mamãe não queria quando a avistei a poucos passos, ela não viu, mas o susto...”. A fala do assinante nos mostra que sua mãe realmente cuidava da moral da família, não pelo medo de um homem ser repreendido, com relação a aproximações, o que era estimulado, mas talvez pelo fato de que a moça não estivesse no mesmo nível social da família de José Quirino, a moça poderia ser negra, ou por ser considerado ruim para ela estar conversando sozinha com um rapaz, poderia ser considerada leviana, e esta não seria aceita pela família.

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época (Pesavento, 2008 p.57). Os valores sociais do período vivido pelos assinantes influenciaram seus modos de ver o real que compartilhavam, e as reações sentidas pelos assinantes diante desse real, nos ajudam a compreender seu imaginário e subjetividades através de suas experiências relatadas no Questionário. As experiências dos assinantes são as formas pelas quais eles perceberam o mundo em que viviam, elas são o que a autora chama de energia da vida a capturar, para compreender o passado.

Na pergunta *Que dizes de uma noite de luar?* Creusa Maria responde que é “ótima para um passeio a beira mar com um amiguinho”, e Ana Jerusa diz que a noite de luar é “muito boa para conversar com o menino, como também para uma serenata”. O gosto pelo passeio noturno é uma sensibilidade, e uma nova forma de sociabilidade partilhada pelas assinantes, pois num período em que algumas moças estão praticando o autocontrole, teriam mais liberdade para conhecer pretendentes.

Questionadas se usam modas masculinizadas, Dulce responde que “não, acho intolerável, a mulher deve ser feminista”, Zezita de Freitas concorda porque “é ridículo e absurdo, pois o que é belo na mulher é ser convicta de sua missão”, discordando, Havany diz que “as vezes quando vou dar uma voltinha de bicicleta tenho que usar o short”. Nas subjetividades de Dulce e Zezita de Freitas está inflexível com relação à roupa a representação de mulher, Dulce e Zezita de Freitas relacionam roupas como calça algo apenas masculino, mas a discordância de Havany, ou ousadia em usar o short, nos faz perceber que em sua subjetividade há flexibilidade sobre o que é roupa masculina e feminina.

Casar sendo uma preocupação das moças de família, mais preocupante seria enfrentar o divórcio, era como fracassar na vida social, sensibilidade partilhada no real. Dulce organizou uma pergunta com essa temática, essa reação mostra que em sua subjetividade estava presente a tal preocupação. Sua pergunta foi: “O divórcio é uma solução total ou apenas parcial para os fracassos conjugais?”. Zezita de Freitas responde que “é verdadeira aberração a lei de Deus e de sua Santa Igreja, aquele que apóia não é bem amigo da pátria”, compartilhando da opinião de Zezita de Freitas, Orlando diz que “não sou de acordo, pois maior andamento para a volubilidade das mulheres”.

Nas subjetividades desses assinantes está presente a ideia de casamento indissolúvel, e de mulher que possui como responsabilidade manter através de seu comportamento a moral social. Apesar dessa ideia de casamento ser uma representação tão presente no imaginário social da época, Dulce discorda dos assinantes, pois “creio que seja a libertação total ao laço familiar, dos que sentem fracassados no drama conjugal da vida”, interessante perceber com essa resposta que mesmo sonhando em casar, Dulce concorda que o divórcio é uma solução para o fracasso conjugal, além disso, pelo fato de Dulce ser uma moça de família dos anos 50, época temerosa a possibilidade do abandono conjugal, já apresentava concordância com o tema apesar de o divórcio ser constitucional apenas em 1977.

Questionadas sobre cinema dizem que gostam muito, pois como Dulce responde “é uma das maravilhas do mundo”. Alguns dos filmes assistidos pelos assinantes, como *Amar foi minha ruína* (1945), *Por quem os sinos dobram?*(1943), *Sempre no meu coração* (1942), verificamos assistindo as mesmas películas, que estas possuem como enredo principal um amor por concretizar. Era através das atitudes das personagens que os assinantes se reconheciam, consumiam o que lhes tocava. Eram os dramas passados pelos assinantes, as dificuldades para concretizar o amor, mas com a esperança de um final feliz.

Antes de finalizar Dulce questiona sobre o que os assinantes dizem sobre o Questionário, Ana Jerusa diz que o Questionário é “um investigador dos nossos segredos”, Creusa Maria brinca ao dizer que “existem padres mais discretos do que ele”, e a própria Dulce diz que o Questionário é “o responsável por ter escrito o que ninguém devia saber”. Esses escritos nos mostram como as sensibilidades competem um assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade (Pesavento, 2008 p.56).

E para ainda mais descobrir sobre o íntimo dos assinantes, a organizadora finaliza o *Álbum de Confidências* deixando uma página para pensamentos. Para Havany “as dores humanas são séculos, os prazeres instantes”, Catarina afirma que “o homem nasce sorrindo,

vive mentindo e morre iludindo”, e José Quirino acha que “a vida é uma rosa, cada pétala uma ilusão, cada espinho uma realidade”.

Ler as perguntas do *Álbum de Confidências* e as respostas dos assinantes nos faz sentir a ingenuidade das moças, seus desejos e vontades, seus medos e esperanças, sonhos de jovens pessoas, reconhecerem filmes os seus dramas, o que é viver para eles enquanto respondiam o Questionário. Sentir através de suas palavras as sensibilidades de sociabilidades de um tempo na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de trabalhar com História Cultural foi satisfatória, pois os conceitos dessa temática, sociabilidade e sensibilidade, ajudaram a compreender as representações presentes no imaginário dos anos 50, e sensações e significados dos assinantes.

Abordamos através das respostas dos assinantes que o conceito de consumo trabalhado por Chartier coube a discussão, pois vimos respostas que desviavam das representações consideradas moralmente corretas para a época, ou seja, os assinantes mostraram que o consumo não é passivo, formaram suas subjetividades a partir do que lhes tocava, construíram sentimentos e sentidos.

Para Chartier (1991) o trabalho do historiador precisa reconhecer as diferentes formas de expor e ler os textos, em seu momento histórico, pois cada forma de expor e ler os textos guarda gestos e sentimentos específicos. Reconhecer as diferentes formas de exposição e leitura textuais é a oportunidade de compreender e tentar mensurar o passado.

Portanto, ler as respostas dos assinantes é um meio de alcançar o que as pessoas da época pensavam sobre o que era ser: mulher, esposa, rainha do lar e moça de família, as subjetividades dos assinantes guardaram sentimentos sobre essas representações de forma diferente, algumas concordavam com os valores da moral enquanto outras não revelaram isso ao Questionário e a Dulce.

Estudar o Questionário de uma moça de família interiorana, ao olhar da História Cultural, mostra como há mudanças nos modos de produzir história, e como estudamos na graduação, isso é percebido com a crise dos paradigmas do final do século XX, em que foram deixados para trás pensamentos que envolveram as grandes correntes de idéias que além de opor cultura erudita à cultura popular, desmerecia esta última, mas os novos estudos culturais conseguem mostrar que é possível trabalhar a História a partir da cultura popular. É como

explicar o mundo através dos sentidos e significados, sob o olhar de homens comuns, como as assinantes.

BIBLIOGRAFIA

AUN, Ana Carolina Passos. **Teatro São Joaquim (1900 – 1937), em Vila Boa de Goyas: novas sensibilidades e novas formas de sociabilidade.** IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados.** IN: História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.). 9. Ed, 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império.** - Campina Grande: EDUFCG, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1988.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos Avançados 11(5), 1991.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991.** Tradução Marcos Santarrita: revisão técnica Maria Célia Paoli – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino.** IN: História da vida privada no Brasil / coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko – São Paulo: Companhia das letras, 1998. – volume 3.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** – 2. Ed. 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades.** Nuevo Mundo Mundos Nuevos, simpósios, 2005, [Online], Online desde o dia 04 de Fevereiro de 2005 URL: <http://nuevomundo.revues.org/229>. Página visitada em 16 de junho de 2012.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

RAGO, Luiza Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FILMOGRAFIA

Amar foi minha ruína - Gene Tierney, 1945.

Os Inconquistáveis - Cecil B. DeMille, 1947.

Por quem os sinos dobram? - Sam Wood, 1943.

ASSINANTES DO QUESTIONÁRIO

Havany Oliveira Costa

Catarina Oliveira Costa

Ana Jerusa Arruda

Creusa Maria Barbosa

Geny Ismael da Costa

Zezita de Freitas

Dulce de Oliveira Costa

Orlando Neves de Almeida

Peronice Cicalice Viana

José Quirino da Silva

Walbório (sobrenome ilegível)

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO

As perguntas estão transcritas da mesma forma em que estão escritas no questionário.

Onde resides?

Onde nasceste?

Qual a data de teu natalício?

Qual a tua profissão?

Qual a religião que professas?

Amas?

A quem?

Quantos corações já amas-te?

Que ideia fazes do amor?

Já beijaste?

A quem?

Que dizes do beijo?

Desejas casar?

Com que idade?

Onde desejas passar tua lua de mé!?

Que ideia fazes do casamento?

Onde desejas morar?

Tens ciúme?

Que dizes do ciúme?

E da ingratidão?

Já recebeste de alguém?

Gostas de recordar?

Que mais te alegra?

Gostas de perdoar?

Que dizes sobre a amizade?

E do desprezo?

Gostas de dançar?

Gostas de festas?

Qual a que deixou recordação?

Gostas de cantar?

Que dizes dos olhos?

E da esperança?

És volúvel?

O que mais te irrita os nervos?

Gostas de cinema?

Qual o filme que mais gostaste?

Que gênero de música preferes?

Qual o instrumento que mais aprecias?

Qual a carreira mais bonita para o homem?

E para a mulher?

És feliz?

Em que consiste tua felicidade?

O que aspiras futuramente?

Gostas de praia?

Que dizes de uma noite de luar?

Qual o maior susto de tua vida?

Qual a qualidade que mais aprecias no homem?

E na mulher?

Com relação a roupa masculina n atua opinião qual é o detalhe de importância?

Entre as artes qual a tua predileta?

Durante tua vida teria aparecido alguém que pudesse impressioná-la muito?

Que mais te comove?

Que dizes da lágrima?

Qual o dia mais feliz de tua vida?

Qual a data que te deixou maior recordação?

Que dizes da ausência?

E da saudade?

E do adeus?

Poderias menciona o impossível de ser realizado?

Qual a tua mascote predileta?

Dizes algo da hipocrisia.

O divórcio é uma solução total ou apenas parcial para os fracassos conjugais?

Qual a hora da noite que mais te entristece?

Que dizes da vida?

Que desejas ser na vida?

Entre os esportes haverá algum que dê preferência?

Gostas de viajar?

Qual o teu lugar predileto?

Como gostas dos cabelos?

Falas sobre a morte.

Que dizes do sonho?

Usas modas masculinizadas?

Podes dizer algo sobre a mentira?

Em que data assinaste este?

Que dizes deste questionário?

E da autora?

Foram sinceras tuas respostas?

Obrigada.

Pensamentos.